

ROUSSEAU E A APROPRIAÇÃO DO FENÔMENO DA METÁFORA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA TEORIA DE PAUL RICOEUR

Luciano da Silva Façanha¹, Rita de Cássia Oliveira², Francyhélia Benedita Mendes Sousa³

Resumo: O presente artigo objetiva fomentar um estudo da ocorrência, bem como dos efeitos do uso do fenômeno da metáfora no pensamento de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), com base na teoria da metáfora desenvolvida por Paul Ricoeur (1913-2005) em sua obra de filosofia da linguagem, *Metáfora Viva*. Para tanto, duas obras específicas tornam-se fundamentais: *Ensaio sobre a origem das línguas* e *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Obras nas quais encontram-se dados que sinalizam que o filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau já observava na linguagem o grande potencial a ser trabalhado em prol da filosofia, ao se utilizar de célebres metáforas para desenvolver seu pensamento crítico. É partir do estudo teórico da atualização das metáforas no *Ensaio* e no *Segundo Discurso* que se intenciona identificar qual abordagem, poética ou retórica, o filósofo genebrino se alinha no que diz respeito à noção de linguagem figurada, proferida pelo homem natural hipotético primitivo, e da alegoria da estátua de Glauco, a fim de entender como se dá a apropriação do fenômeno da metáfora na filosofia de Rousseau.

Palavras-chave: Metáfora. Filosofia. Linguagem. Discurso. Transposição.

Abstract: This article aims to promote a study of the occurrence, as well as the effects of the use of the phenomenon of metaphor in the thought of Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), based on the theory of metaphor developed by Paul Ricoeur (1913-2005) in his work of philosophy of the language, *Living Metaphor*. Therefore, two specific works are fundamental: *Essay on the origin of languages* and *Discourse on the origin and foundations of inequality between men*. Works in which data are found that indicate that the Enlightenment philosopher Jean-Jacques Rousseau already observed in language the great potential to be worked in favor of philosophy, by using famous metaphors to develop his critical thinking. It is from the theoretical study of the updating of metaphors in the *Essay* and in the *Second Discourse* that the intention is to identify which approach, poetic or rhetorical, the Genevan philosopher is aligned with regard to the notion of figurative language, uttered by the primitive hypothetical natural man, and of the allegory

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Coordenador do GEPI Rousseau UFMA/FAPEMA/CNPq. Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

² Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Atualmente é Professora da Universidade Federal do Maranhão. Membro do GT Hermenêutica da Associação de Pós-Graduação em Filosofia.

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) – Mestrado Interdisciplinar da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar Jean-Jacques Rousseau UFMA, vinculado ao CNPQ. Atualmente, bolsista FAPEMA.

of the statue of Glaucon, in order to understand how the appropriation of the phenomenon of metaphor in Rousseau's philosophy takes place.

Keywords: Metaphor. Philosophy. Language. Speech. Transposition.

Filósofo do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau apresenta uma filosofia diversificada abrangendo os campos da Linguagem, Educação, Estética e Política. Sua filosofia sempre teve o traço marcante de uma polaridade conceitual: a língua e a linguagem, o selvagem e o civilizado, a melodia e a harmonia, a natureza e a sociedade. O que abre caminho para o recorrente aparecimento de metáforas em suas obras.

Toda metáfora não somente a palavra ou o nome único, cujo sentido é deslocado, mas o par de termos, ou o par de relações, entre os quais a transposição opera. Como disseram os autores anglo-saxões [...] são necessárias sempre duas ideias para fazer uma metáfora⁴.

Com base nessa concepção de metáfora, a saber, a partir da relação de transposição entre dois tropos (dois símbolos), na qual ocorre uma ou mais trocas envolvendo, fundamentalmente, uma significação e implicando na criação de predicados verbais e não-verbais, que se trabalhará o fenômeno da metáfora na filosofia de Jean-Jacques Rousseau, relacionando as obras *Ensaio sobre a origem das línguas* com ênfase no capítulo III, “De como a primeira linguagem teve de ser figurada” e o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, através da alegoria da estátua de Glauco, pelo viés da teoria da metáfora de Paul Ricoeur, que trabalha a questão da metáfora⁵ como um fenômeno que percorre tanto o discurso poético quanto o discurso retórico, assim como a linguagem metafórica pode desempenhar tanto a função poética, quanto a função retórica.

Para fins de análise, ver-se-á agora como se dá o fenômeno da metáfora; em quais casos ocorre por substituição, tensão ou por analogia; qual a função em cada caso, se poética ou retórica e qual o caráter do discurso que essa transposição ocorre.

Mas antes, faz-se necessário ressaltar que a ocorrência e apropriação da metáfora será analisada a partir de uma relação entre o filósofo e o homem hipotético primitivo: este representa o homem natural, figura central da primeira parte da Teoria social

⁴ RICOEUR. *Metáfora viva*, p. 39

⁵ Ricoeur se embasa nos escritos de Aristóteles, sendo este o primeiro a fundamentar a problemática da metáfora.

rousseauiana e aquele representa o homem civilizado. Assim, Rousseau é o homem moderno que já está em processo de perfectibilidade, que, dito de outra forma, já dispõe de ferramentas às quais lhe possibilitará a utilização conveniente da metáfora, contrapondo-se aqui ao seu próprio personagem⁶: o selvagem primitivo que ainda desprovido de razão, metaforiza sem saber, ao passo que transpõe a ideia⁷.

No Ensaio sobre a origem das línguas, Rousseau fomenta sua teoria da linguagem, sob um pano de fundo da poética⁸ (música). Essa obra seria, na historicidade da evolução do homem, a preparação para a comunicação, partindo sempre da origem, do mais simples para o mais complexo. Desse modo, descrevendo como e por que surgiram, formaram-se, desenvolveram-se e o que ocasionou a desnaturação das primeiras línguas. Mas, interessará aqui apenas o capítulo III, no qual o autor expõe como a primeira linguagem teve de ser figurada (metafórica), uma vez que ainda não existia sentido próprio ou literal.

Como os primeiros motivos que fizeram o homem falar foram as paixões, suas primeiras palavras foram tropos. A primeira a nascer foi a linguagem figurada e o sentido próprio foi encontrado por último. Só se chamaram as coisas pelos seus verdadeiros nomes quando foram vistas sob sua forma verdadeira. A princípio só se falou pela poesia, só muito tempo depois é que se tratou de raciocinar⁹.

Está subtendido aí que também a primeira a nascer, além da linguagem poética, foi a função poética da metáfora. Ora, uma vez que, Rousseau está expondo em sua teoria que no primeiro momento da fala, na qual o selvagem primitivo ao se encontrar com outros não lhes reconheceu pelo simples fato de ainda não ter despertado para a razão, então esse “homem natural” apenas estaria descrevendo aquilo que se punha diante de seus olhos sem a intenção de convencer, portanto, a primeira função da metáfora, nesse contexto, é poética.

Um homem selvagem, encontrando outros, inicialmente ter-se-ia amedrontado. Seu terror tê-lo-ia levado a ver esses homens maiores e mais fortes do que ele próprio e a dar-lhe o nome de *gigantes*. Depois de muitas experiências, reconheceria que, não sendo esses pretensos gigantes nem maiores nem mais fortes do que ele, à sua estatura não convinha a ideia que a princípio ligara à

⁶ O termo personagem está posto apenas para dizer que o selvagem é participante central da metáfora no contexto que se segue.

⁷ Aristóteles denomina metáfora como qualquer transposição de termos. Rousseau, a classifica no presente contexto, como a transposição da ideia, já que não há ainda um termo próprio e verdadeiro para ser transposto.

⁸ A poética para Rousseau é a música. Essa obra evidência a origem da língua, que para Rousseau é o canto apaixonado, a poética, portanto a música.

⁹ ROUSSEAU. *Ensaio sobre a origem das línguas*, p. 164.

palavra gigante. Inventaria, pois, um outro nome comum a eles e a si próprio, como, por exemplo, o nome *homem* e deixaria o de *gigante* para o falso objeto que o impressiona durante a ilusão¹⁰.

Por conseguinte, ainda não havendo racionalidade, imaginação ou reflexão em detrimento dessa, também ainda não existia o reconhecimento do outro como seu semelhante. O outro ainda não era “outrem”, mas, apenas “gigante”, que pelo não reconhecimento da similitude, salta aos olhos como uma imagem assustadora, a imagem do gigante era então a própria epífora, que transparecia ao primeiro contato despretenso à paixão que fascina aos olhos, ao passo que essa noção de epífora traz consigo uma informação e uma perplexidade¹¹. O selvagem fazia do gigante a própria metáfora viva: a imagem de algo assustador que amedronta ou que é maior do que ele por não ter a ciência do próprio “eu” e, portanto, do outro. Nesse sentido, o “gigante” é aqui apenas uma projeção imagética, não sendo ainda a coisa mesma, mas a própria transposição da ideia.

Rousseau inaugura uma historicidade da apropriação da metáfora na linguagem. De modo que, primeiro o homem “metaforizou” sem plena racionalidade, passando e evoluindo do estado de natureza para o estado civilizado ao se utilizar da imaginação e então despertou para a razão e transpôs os significados e palavras, não mais pela falta do sentido próprio, mas pela necessidade de esclarecer o discurso ao qual defendia, além da intenção de convencer por meio desse “esclarecimento”¹². Para tanto, no contexto da primeira linguagem a metáfora se comporta apenas como uma descrição, ao passo que a gramatização já é evidente, a metáfora toma para si a função de preencher uma lacuna semântica deixada pela própria linguagem. E a metáfora, de acordo com a necessidade de quem a utiliza, presta-se ao papel ora de descrever ora de esclarecer e/ou de persuadir. De modo que, no decorrer do *Segundo Discurso*, Rousseau se utiliza tanto de uma quanto da outra.

Feita a análise através da semiótica do termo *gigante* por meio da semântica do próprio contexto metafórico, conclui-se que o sentido da metáfora, enquanto primeira linguagem, seria um empréstimo que o sentido emprestado se expressa ao nível do sentido próprio, isto é, pertinente originalmente a certas palavras¹³. Assim, a função poética no *Ensaio* se evidencia ao passo que Rousseau tenta descrever como que a primeira

¹⁰ ROUSSEAU. *Ensaio sobre a origem das línguas*, p. 164.

¹¹ RICOEUR. *Metáfora viva*, p. 30.

¹² A metáfora teria como uma de suas funções preencher a lacuna semântica deixada pela linguagem.

¹³ RICOEUR. *Metáfora viva*, p. 30.

linguagem teve de ser metafórica. Quanto à função retórica, na tentativa de convencer por meio da descrição, faz-se menos evidente nesta primeira análise, ganhando mais nitidez na próxima obra a ser trabalhada.

Mas, uma vez que, a utilização da linguagem figurada do homem hipotético natural foi estudada a partir da semiótica “gigante”, que se refere ao efeito de sentido ao nível da palavra isolada – isso porque se ainda não há raciocínio, elocução ou atos de fala, também ainda não há retórica, a que tal análise ocorre de fato ao nível da linguagem poética – a metáfora propriamente dita representada pela “estátua de Glauco” será analisada ao nível da semiótica, correspondendo a uma teoria da tensão e referindo-se à produção de metáfora no seio da frase tomada como um todo.

No *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, a apropriação da metáfora da “estátua de Glauco” se evidencia muito mais em detrimento da função retórica que por uma função poética. A alma humana simbolizada pela estátua vai perdendo suas características originais no processo de aprimoramento do homem dentro da sociedade. Como já enfatizado anteriormente, sendo intenção da função poética a descrição do real a partir do ficcional, seria então objetivo da função retórica convencer o interlocutor a partir do desvio do termo. A função poética no *Segundo Discurso* se evidencia no selvagem que transpõe a ideia sem se dar conta disso, enquanto a retórica concerne ao bom uso da transposição a fim de persuadir. Pois, do contrário, seria contraditório descrever através da ficção, algo que o filósofo está o tempo todo apontando: “um estado [de natureza] que não existe, que talvez nunca tenha existido, [e] que provavelmente jamais existirá”¹⁴.

De acordo com Aristóteles¹⁵, a retórica, não sendo apenas a arte de persuadir, é, fundamentalmente, a faculdade de identificar por meio da especulação o que pode ser adequado para persuadir ou provar em cada caso específico. Neste ponto, tem-se a evidência da função retórica da metáfora no *Discurso sobre a desigualdade* a partir da “estátua de Glauco”, a qual, o autor escolhe persuasivamente, não outra, mas adequadamente essa metáfora a fim de legitimar sua hipótese quanto à transfiguração do original a partir das características adquiridas ao longo do processo que constituiu a sociedade. Cito:

¹⁴ ROUSSEAU. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 228.

¹⁵ ARISTÓTELES. *Retórica*, livro I, 1356a.

E como o homem chegará ao ponto de servir-se tal como o formou a natureza, através de todas as mudanças produzidas na sua constituição original pela sucessão do tempo e das coisas, e separar o que pertence à sua própria essência daquilo que as circunstâncias e seus progressos acrescentaram a seu estado primitivo ou nele mudaram? Como a estátua de Glauco, que o tempo, o mar e as intempéries tinham desfigurado de tal modo que se assemelhava mais a um animal feroz do que a um Deus, a alma humana, alterada no seio da sociedade por milhares de causas sempre renovadas, pela aquisição de uma multidão de conhecimentos e de erros, pelas mudanças que se dão na constituição dos corpos e pelo choque contínuo das paixões, por assim dizer, mudou de aparência a ponto de tornar-se quase irreconhecível [...] ¹⁶.

Desse modo, a metáfora da estátua de Glauco não seria, como o mito do bom selvagem, uma ideia de substituição ou de empréstimo, mas uma metáfora proporcional, em que B está para A, como D está para C: as intempéries do tempo e a ação do mar estão para a transfiguração em sociedade, assim como a estátua de Glauco está para a alma humana. Para Aristóteles, a metáfora teria como uma de suas funções preencher uma lacuna semântica, pois, analisando-se tal proposição, como pode algo que “é” (a alma humana) transfigurar? Nesse sentido, essa mudança seria aqui entendida a partir da descrição da metáfora, como aquisição de novas características, as quais [...] “mudou a aparência a ponto de tornar-se quase irreconhecível” ¹⁷.

Depois de se analisar como o fenômeno se adequa em cada caso – função poética e função retórica – pretende-se identificar agora o discurso que a metáfora percorre.

De acordo Ricoeur, a metáfora em Aristóteles perpassa tanto o discurso poético quanto o retórico. Em Rousseau, no que concerne a sua identificação como homem moderno, distinguindo-se do homem natural primitivo, a metáfora se concerne apenas ao domínio retórico. Pois, na medida em que o poeta (ou o selvagem primitivo) tem o intuito apenas de contar os acontecimentos por meio da descrição, por vezes ficcional e por vezes o convencimento até ocorre, mas ao nível da emoção; ao passo que a transposição é viva no sentido de ampliar seu sentido de acordo com as experiências vividas ou narradas, o filósofo, porém, ao se utilizar de uma transposição morta, a qual cabe uma interpretação limitada, não quer apenas descrever como o acontecimento ocorreu – essa função é do narrador –, mas, convencer, por meio da palavra, de que aconteceu da maneira que está sendo dita (escrita), que tal ou tal coisa funciona daquela

¹⁶ ROUSSEAU. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 227.

¹⁷ ROUSSEAU. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 227.

maneira. É nesse sentido que a metáfora se faz presente em um discurso retórico: o selvagem/poeta/narrador quer descrever, o filósofo quer convencer.

Mas, a retórica representada no discurso rousseauiano é apenas parte da grande Retórica aristotélica, que chega até a modernidade como uma “disciplina amputada”. O que Ricoeur considera ser uma causalidade possível do declínio da retórica, apontando essa perda como irreparável:

Havia retórica porque havia eloquência, eloquência pública. A observação vai mais longe: em primeiro lugar, a palavra foi uma arma destinada a influenciar o povo, diante do tribunal, na assembleia pública, ou ainda para elogio ou panegírico: uma arma chamada a dar a vitória nas lutas em que o discurso é decisivo¹⁸.

No espírito da polis grega foi forjada a filosofia em sua forma mais sublime¹⁹, nos palcos da publicidade da polis se fazia retórica em sua completude de elocução, argumentação e composição do discurso. O moderno, destituído do palco público, limita-se à “denominação desviante” e se resume à teoria das figuras do discurso ou teoria dos tropos. Segundo Ricoeur, a grande retórica de Aristóteles foi amputada em seu declínio ao se limitar a apenas um de seus campos: a elocução.

A história da retórica é a história da pele mágica. Uma das causas da morte da retórica está aí: ao reduzir-se a uma de suas partes, a retórica perdeu ao mesmo tempo o *nexus* que a vinculava à filosofia por meio da dialética; perdida essa ligação, tornou-se a retórica uma disciplina errática e fútil. A retórica morreu quando o gosto de classificar as figuras excedeu inerentemente o sentido filosófico que animava o vasto império retórico. Que mantinha unidas suas partes e vinculava o todo ao *Organon* e à filosofia primeira²⁰.

Ricoeur explica ainda melhor na citação seguinte:

A retórica dos gregos não tinha somente um programa singularmente mais vasto que a dos modernos; ela extraía de sua relação com a filosofia todas as ambiguidades de seu estatuto. A origem “selvagem” da retórica explica bem o caráter propriamente dramático desse comércio. O corpus aristotélico apresenta-nos somente um dos equilíbrios que corresponde ao estado de uma disciplina que já não é simplesmente uma arma na praça pública, mas que ainda não é uma simples botânica das figuras²¹.

¹⁸ RICOEUR. *Metáfora viva*, p. 18

¹⁹ VERNANT. *As origens do pensamento grego*, p. 63.

²⁰ RICOEUR. *Metáfora viva*, p. 18.

²¹ RICOEUR. *Metáfora viva*, p. 19.

Conforme Bento Prado Jr.²², o moderno que perdeu não só o espaço público e espírito da vida pública, perde também a força da voz, exatamente como procede Rousseau: “não ousei, pois, falar, e não me podendo calar, ousei escrever”²³. Assim, não é mais na palavra falada em praça pública que a eloquência se anuncia, mas o moderno o faz a partir da palavra transcrita nos ensaios, discursos e tratados, ou seja, na palavra escrita.

Ora, o que se tem na modernidade, segundo Ricoeur, é senão uma retórica restrita a uma teoria da elocução, que se apresenta em dois movimentos contrários, o que leva a retórica a se liberar da filosofia, o que leva a filosofia a reinventar a retórica como um sistema de prova de segunda ordem. Longe de querer encaixar o argumento acima em um leito de Procusto, parece evidente que ao se apropriar do fenômeno da metáfora, Rousseau está aderindo ao movimento que reinventa a retórica como sistema de provas.

Sendo assim, Rousseau ao “bem” se apropriar da metáfora em sua filosofia estaria também se valendo de uma retórica. Como demasiadamente já frisado, o fenômeno da metáfora que se apresenta tanto sob uma função poética quanto retórica, perpassa em Rousseau apenas o discurso retórico. De modo que, quem bem metaforiza, é o ser metafórico, Rousseau não seria então somente retórico, mas metafórico ao passo que este que bem se utilizou da transposição da ideia, do empréstimo da palavra, e da comparação entre elas, para assim dizer que no “final tudo vai um dia degenerar”, é assim, o próprio gênio.

A metáfora torna-se verbo: metaforizar; o problema do uso é assim trazido à luz do dia, o processo leva-o a esse resultado; b) em seguida, com o problema do emprego, vem o do emprego “conveniente”: trata-se de “bem metaforizar”, de “servir-se de maneira conveniente” dos procedimentos da lexis; do mesmo modo é designado quem usa o uso: é ele que é chamado a esta “coisa maior”, o “ser metafórico”; é quem usa que pode aprender ou não; c) ora, precisamente, não se aprende a bem metaforizar; é dom de gênio, isto é, da natureza²⁴.

Em suma, o relevante em estudar metáfora, como disse Aristóteles, é “bem saber descobrir as metáforas, significa bem se aperceber das semelhanças”²⁵, bem como perceber a relação dos discursos com a própria metáfora. Como uma substituição do termo por analogias entre outros, podem dar significação aos discursos, ao preencher as lacunas semânticas deixadas pela limitação da linguagem. Outrossim, o selvagem que

²² PRADO Jr. *A força da voz e a violência das coisas*.

²³ ROUSSEAU. *As Confissões*, p. 263

²⁴ RICOEUR. *Metáfora viva*, p. 41.

²⁵ ARISTÓTELES. *Poética*, p. 119.

metafORIZOU sem saber, não reconhecendo as semelhanças como o filósofo moderno o fez ao bem metaforizar, servindo-se então da apropriação conveniente da transposição. A metáfora em Rousseau se dá, em um homem natural hipotético primitivo (ou selvagem primitivo) que inaugura o neologismo, e o civilizado que bem se apropria do termo para convencer. Pois, parece ingênuo conceber o fenômeno da metáfora em Rousseau apenas por uma função poética, uma vez que o intuito evidente da apropriação e do “bem” apropriar-se é a função retórica que a metáfora expressa, não só nas duas obras abordadas, como também em vários outros autores como o próprio Platão, que se utiliza de uma alegoria a fim de esclarecer através de uma linguagem mais acessível ao grande público, porém, bem mais do que isso, pretende por meio dessa ferramenta convencer seus interlocutores, a fim de legitimar sua teoria.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução: Eudoro de Sousa. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Fambouse Alberto, e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional (Casa da Moeda), 2005.

PRADO JR, Bento. *A força da voz e a violência das coisas*. In: ***Ensaio sobre a origem das línguas***. Tradução: Fúlvia L. Moretto. Capinas, SP: Unicamp, 1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *As Confissões*. Volume único. Tradução: Wilson Lousada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1948.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RICOEUR, Paul. *Metáfora Viva*. Tradução: Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

VERNANT, Jean-Pierre. *O universo espiritual da Polis*. In: ***As origens do pensamento grego***. Rio de Janeiro: Difel, 2011.